

PAULO FREIRE

Leitor da *palavramundo*

Elione Maria Nogueira Diógenes (UFAL) - elionend@uol.com.br

RESUMO

Discute-se neste artigo o ato de ler. Não qualquer ato de ler e tampouco de um leitor comum, entretanto o ato de ler do educador Paulo Freire, considerado o teórico da pedagogia da libertação. Aqui, há uma imersão da pesquisadora na relação texto-leitor, com especificidade nas idéias freireanas. A autora parte de um problema-chave: é Paulo Freire um teórico cujo pensamento não tem bases científicas? Na tentativa de dar resposta à pergunta a pesquisadora em tela percorreu algumas obras do pensador pernambucano, utilizando como metodologia a análise de discurso foucaultiana. A conclusão a que se chegou é a seguinte: Paulo Freire é o leitor da *palavramundo* e como tal fundamentou seu pensamento em grandes nomes do pensamento ocidental europeu e superou tais pensadores como Marx, Engels, Fromm, Lukács e outros.

Palavras-chave: Paulo Freire; Leitor; Leitura

ABSTRACT

It is argued in this article the act of reading. Not any act of reading, nor an ordinary reader, however the act of reading educator Paulo Freire, considered the theory of the pedagogy of liberation. Here, there is an immersion of a researcher in the text-reader relationship, with specific ideas in Freirean. The author takes a key problem: Paulo Freire is a theorist whose thought has no scientific basis? In attempting to answer the question the researcher went through some works on canvas of Pernambuco thinker, using the methodology of Foucaultian discourse analysis. The conclusion reached is: Paulo Freire is the reader's *palavramundo* and therefore based his thought on the great names of Western thought and exceeded European thinkers such as Marx, Engels, Fromm, Lukács and others.

Keywords: Paulo Freire; Reader; Reading

1. A ENUNCIÇÃO DO TEMA

Paulo Reglus Neves Freire, nordestino, pernambucano, profeta e poeta da educação como prática da liberdade, nascido em 1921 e falecido em 1997, tema deste artigo, tem sido um dos estudiosos mais referenciados no Brasil e no mundo, dada a sua trajetória ímpar no campo do conhecimento e da práxis política.

Assim, tanto se escreveu sobre a sua obra como também se utilizou (e se utiliza) dela nos mais diversos tipos de estudos e de abordagens. Entretanto, pouco se tem escrito sobre Paulo Freire como leitor. É nesta perspectiva que se vai abordá-lo. De tal forma, não se pretende aqui abranger a obra em si, mas o leitor que se tornou autor e que tem na trajetória de sua escrita uma rica base de sustentação filosófica, científica, econômica, cultural, religiosa e política.

No livro “A Importância do Ato de Ler” (1997), fruto de uma palestra sobre a relação da biblioteca popular com a alfabetização de adultos, o autor expõe a experiência de alfabetização de adultos que realizou em São Tomé e Príncipe¹. Neste sentido, o livro constitui-se, por si só, num relato testemunhal de seu processo de leiturização interior. É nesse livro que o autor confessa: ser a leitura da palavra precedida da leitura do mundo, e, cria o neologismo *palavramundo* para nomear os contatos iniciais do sujeito leitor do mundo em suas múltiplas dimensões.

Por isso o leitor Paulo Freire como leitor do mundo, em que o livro a ser lido – tem letras e figuras das relações imediatas do seu ser menino com o seu pequeno mundo da infância – mobiliza o real concreto para fazer o entendimento de tudo o que lhe diz respeito: o contorno geográfico, social, afetivo, religioso, econômico e político.

Tomando como premissa de que a leitura do mundo precede consecutivamente a leitura da palavra, é assertivo afirmar que tal leitura é um ato de

¹ São Tomé e Príncipe é formado por duas ilhas principais (*São Tomé e Príncipe*) e várias ilhotas, por este motivo considerado um estado insular, situado geograficamente no Golfo da Guiné. Foi de Colônia de Portugal desde o século XV até sua independência em 1975. É um dos membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Debates em Educação

experiência existencial. Daí que, não se pode descolar o ato de ler do ato de viver, nem do ato de ser. É isto, que se pretende neste artigo: compreender o pensador Paulo Freire como o leitor do mundo que se move ininterruptamente e que está encarnado nas pessoas, nas matérias, na objetividade e na subjetividade.

2. O LEITOR: quem é e a que veio?

(...) não há uma forma de leitor, mas uma variedade de leitores e, além disso, o próprio leitor muda conforme as situações de linguagem. (ORLANDI, 1998).

Inicia-se esta parte com duas perguntas complementares. Primeira: Existe leitor desde sempre? E, segunda: O que é o leitor²?

A primeira pergunta pode ser respondida de duas formas.

a) se considerarmos o ato de ler de forma ampla, isto é, enquanto processo intrínseco de reconhecimento do homem à realidade em que está inserido, sim;

b) assumindo a hipótese de que o leitor nasce, em potencial, com o aparecimento das pinturas rupestres e posteriormente com a escrita, à resposta é negativa.

Singularmente, o leitor propriamente dito, tal como aqui se considera, é gerado no ato mesmo de invenção da escrita, tecnologia revolucionária que engendra igualmente o surgimento da história enquanto registro escrito dos acontecimentos humanos sobre a Terra.

Quanto à segunda (O que é o leitor?) fundamenta-se a resposta em Certeau³ que ao responder a esta pergunta certa vez, disse que era um “usurpador”, um

² Faço referência aos seguintes autores que desenvolvem essa temática: Barthes (1973); Lajolo (2001); Orlandi (1998) e Silva (1988) dentre outros.

³ Michel de Certeau (1925-1986), historiador francês. Tem estudos desenvolvidos na área de teoria literária e história da leitura e do leitor.

Debates em Educação

“pirata” navegante de mares que não lhe pertenciam; um “aventureiro” de palavras e de ações exposto a riscos em terras distantes e infinitas (1994). Considerando-se que ele está certo, o leitor é, pois, esse incontrolável ser que se apossando de coisas que não necessariamente as construiu, assume-as como coisas suas, recriando-as.

Assim, vai o leitor usurpando, pirateando, aventurando-se por paisagens e mais paisagens de fantasias e ficções inventadas por outros que não ele. Mas, tem o leitor direito à usurpação, à pirataria e à aventura? Sim, é mais do que óbvio que sim, vez que, nada mais é do que explorador com fome e sede de existência.

O leitor usurpa, pirateia e se aventura porque carrega dentro de si minas prenes de sensações, emoções, desejos, alucinações e fantasias que o seu pobre cotidiano de animal enjaulado e moralizado não dá conta.

Por isto, o leitor é um ser divino/profano porque almeja a transcendência, a transubstanciação da rotina no imprevisível, da hipocrisia na verdade, da dor no prazer, da tristeza na alegria, do trabalho no ócio, enfim, o desejo do leitor é cruzar a fronteira da finitude para a infinitude. O mundo dos sentimentos fluidos e líquidos que se nega e se renega a estaticidade do ser.

O leitor é por excelência o ser da estética. E o leitor é esse ser estético porque sabe, no mais íntimo da sua essência que a vida só tem sentido se vivida em todas as suas nuances, em todas as suas facetas, em todas as suas manifestações.

Ser leitor, um autêntico leitor, é ser, sim, um pirata, um usurpador, um aventureiro, mas, é ser, também, um sonhador, um viajante alucinado, em outras palavras, um ilusionista.

Neste sentido, o leitor não é um ser de fantasia, mas, um sujeito histórico. Esta é uma premissa angular para o entendimento desta abordagem.

Outra premissa igualmente relevante para o entendimento teórico e o esforço de investigação aqui empreendido pode ser assim explicitada na seguinte formação discursiva: não existe um leitor descolado de seu tempo e da sociedade em que vive

Debates em Educação

assim como não existe um autor deslocalizado da história social como tampouco o texto é algo imaterial.

Em outras palavras, o leitor, o autor e o texto são dialeticamente filhos de seu tempo. São sujeitos históricos e sociais concretamente inseridos numa dada sociedade e assim devem ser considerados.

Seguindo esta linha de raciocínio, a concepção de leitor que serve de argamassa para este trabalho foi extraída de Manguel (1997, p. 103) onde defende que aquele imprime ao ato de ler o «seu mundo e experiência íntimos».

Ampliando o conceito para além da decodificação das letras o autor afirma: «Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos» (*ibidem*). Isto equivale a dizer que a ação de ler não se limita à decodificação dos grafemas e a sua conseqüente decifração, antes é atividade historicamente situada porque arregimenta consigo o exercício de conscientização e de entendimento material e social das palavras.

Por considerar assim, o processo de ler é uma prática social inserida numa dada sociedade. Claro que o ato de ler deste ponto de vista não é uma ação permitida a todos de forma homogênea. Isto é, está mediado pelas relações de produção. Numa sociedade capitalista antagonicamente dividida em classes sociais, não há uma apropriação igualitária do patrimônio cultural da humanidade, implicando dentre outras coisas o fato de que o domínio da técnica da escrita encontra-se irregularmente distribuído.

Não é segredo para ninguém a existência de um contingente considerável de analfabetos em pleno século XXI não apenas no mundo, mas no Brasil que amarga uma posição desconfortável neste sentido, sem contar com o número cada vez maior de analfabetos funcionais vítimas, principalmente, das políticas educacionais levadas a efeito nas últimas décadas do século XX e continuadas no presente século.

Numa sociedade nascida sob o signo da desigualdade social não é de admirar que a exclusão incida diretamente sobre as demais dimensões da vida social como a educação. Assim, ler pode ser um ato de apropriação e de transformação da realidade

Debates em Educação

ou de conformação e de conservação da mesma, o que reduz o ser em autômato alienado. Neste caso, dependem única e exclusivamente do sujeito-leitor em relação com outros sujeitos-leitores, considerando a sua historicidade, sua ação política e o lugar social que ocupa.

Dar significado histórico, social e político ao texto lido significa dar importância à cultura de determinada sociedade. Significa entender que a formação cultural é a soma das relações de produção, que por sua vez comporta a infra-estrutura e a superestrutura. Por isto, que o ato de ler é em si complexo.

Quanto mais complexidade, pois, o leitor consegue imprimir aos textos lidos e aos autores estudados tanto mais consegue manter com o texto uma relação dialógica e livre de condicionamentos. Então, o processo se torna criativo e rigoroso, recriando com sua própria inserção no mundo a palavra lida. Enfim, é a recriação da palavra mundo como sugere o autor aqui estudado.

3. O LEITOR PAULO FREIRE: mergulho transformador na palavra mundo

Se o ser “leitor” não está dissociado da sociedade em que atua é possível afirmar que numa análise de um determinado ator social enquanto leitor não é permitido dissociá-lo dessa mesma sociedade. Assim, tendo como interesse investigar o leitor Paulo Freire em sua relação com o ato de ler é preciso transpor a mera noção do que vem a ser leitor teoricamente falando.

Contextualizar a época histórica em que nasceu e se formou socialmente Paulo Freire não apenas enquanto leitor, mas como sujeito histórico é fundamental para este trabalho, afinal, a «leitura de mundo precede a leitura da palavra» (FREIRE, 1997, p.11) e na leitura de mundo há sempre que considerar o lugar social de onde se lê.

Quando Paulo Freire nasceu na década de 1920, o Brasil tinha uma economia predominantemente agro-exportadora. O café dominava a pauta de exportações e a política era hegemonicamente exercida pelo eixo São Paulo - Minas que deu origem à

Debates em Educação

política do café com leite. A população além de ser super explorada economicamente era quase que totalmente analfabeta.

Na região Nordeste, lugar geográfico de nosso personagem, a realidade era bem pior. Neste ambiente hostil à justiça social e onde o homem é forte por natureza, Paulo Freire viveu suas diferentes fases existenciais, deixando sempre clara sua opção política pelos dominados: «Quando penso em minha Terra, tanto me lembro da soberba do rico, de sua raiva pelos pobres, quanto da desesperança destes, forjada na longa vivência da exploração ou na esperança que gesta na luta pela justiça» (FREIRE, 2001, p. 28).

Paulo Freire como leitor transformador que era, sabia na sua leitura crítica da realidade brasileira, que o Brasil não era apenas um, o dos agro-exportadores do café e dos donos das usinas; dos que desde o remoto século XVI vêm usufruindo a terra em todas as suas potencialidades e negando as suas dádivas para a totalidade da população.

Assim, a luta dele pelo processo de ensino e aprendizagem foi também pela emancipação do homem de todo jugo social imposto. O Brasil era complexo demais (na visão freireana) para ser interpretado pelo viés positivista da ordem e do progresso a serviço de poucos. Tratava-se de ler o mundo e assumir radicalmente a possibilidade de também mudá-lo:

Minha radicalidade me exige absoluta lealdade ao homem e à mulher. Uma Economia incapaz de programar-se em função das necessidades humanas, que convive indiferente com a fome de milhões a quem tudo é negado, não merece meu respeito de educador nem, sobretudo, meu respeito de gente. E não me digam que *as coisas são assim por que não podem ser diferentes*. Não podem ser de outra maneira porque, se o fossem, feririam os interesses dos poderosos: este não pode ser, porém, o determinante da essência da prática econômica. Não posso tornar-me fatalista para satisfazer os interesses dos poderosos. Nem inventar uma explicação *científica* para encobrir uma mentira (FREIRE, 2001, p. 22).

Por isso, não foi difícil articular a leitura da palavra mundo com a necessidade de mudar o mundo. Aos poucos o leitor transmuda-se no transformador social, fazendo uma singular incursão pelo mundo do conhecimento, mas também reinventando a vida como dizia Cecília Meireles «a vida, a vida, a vida, a vida só é

Debates em Educação

possível

reinventada». A reinvenção da vida em Freire tem como ponto de partida a educação.

Reinventar os processos de formação do ser humano com base na autonomia, dialogicidade, libertação e conscientização é esta em suma a proposta radical do leitor Paulo Freire. E a reinvenção da vida liga-se à luta pela vida. O educador por excelência constitui-se no lutador da vida, no construtor do novo mundo porque sabe que este em que está inserido é o reino da opressão e da dominação. Assim, a leitura é o reconhecimento de que sem a ação de mudança não há qualquer possibilidade de se ler criticamente a *palavra mundo*.

Realizar um projeto de vida assim tão grandioso não foi fácil, como bem lembra Antoine de Saint-Exupéry «Conhecer não é desmontar nem explicar. É chegar até a visão. Mas, para ver, é preciso, antes de qualquer coisa participar. Isso é uma dura realidade».

A participação vista não sob um aspecto formal, mas sob um prisma em que se conjuga ao conhecimento, a utopia, a ação alicerçada no pleno desejo de mudança social e subjetiva do estatuto de vida opressivo para uma legitimidade emancipatória.

Há no leitor transformador Paulo Freire um ininterrupto movimento em prol da redenção entendida aqui como liberdade na acepção transgressora da palavra. Por isso, que a luta se faz sob a lógica da «confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza» como reflete Walter Benjamin (1987, p. 222) na quarta tese sobre o conceito de história. A ética de Paulo Freire incomodou a elite reacionária brasileira nos anos de chumbo (Ditadura Militar) e continua a incomodar atualmente (tempos de desencanto).

Pela força viva das suas idéias, o leitor (Freire) continua construindo e formando leitores que de uma forma ou de outra o tem como exemplo a ser seguido. A sua vasta produção bibliográfica é uma prova cabal da sua instigante e sempre reinventada relação com as obras e os pensadores que leu e com os quais dialogou em vida na formação do seu sistema de pensamento.

Debates em Educação

Não trago como interesse central do trabalho relacionar e classificar seu legado, mas não se pode deixar de reconhecer que a sua fecundidade literária é um indício do leitor aventureiro e inquietante em que se constituiu.

Em Freire não há um momento próprio ou demarcatório da teoria e dos teóricos que criaram tal ou qual sistema, mas ele faz com que todos discutam entre si como se estivessem numa roda de conversa.

5. CONCLUSÃO

O mundo de Paulo Freire, de sua infância, de sua adolescência, de seus primeiros atos de existência, com certeza é um mundo bem particularizado. Entretanto, esse mundo não está enclausurado numa redoma de vidro imune aos impulsos e estímulos de uma totalidade maior que é a humanidade. Não advogo que o leitor-transformador aqui em questão construiu sua obra teórica e política em isolamento, antes precisou de grande capacidade dialógica e eticidade para sendo muitos, ser diversamente uno.

A chave de leitura deste trabalho não é outra que a de Paulo Freire, pois se há algo que se pode dizer dele é que foi de fato um ativo leitor. Porém, como este conceito pode remeter apenas a uma idéia de dinâmico, afirma-se que nele tudo é um ato extremo de leitura para conhecer o real e nele exercer sua ação transformadora.

Em Paulo Freire não só codificação. Nem só decodificação. Como unicamente interpretação. Há uma conjugação destes três momentos na perspectiva de explicitação do real “em si” no “para si” porque grande, terrível e complicado é o mundo (Gramsci). Para quê? Mudar a face perversa do real, a desumanização, o aniquilamento moral e espiritual que vem da degradação no ventre da opressão.

Paulo Freire, contudo, não quer uma mudança qualquer. Quer uma mudança de estatuto social. Quer justiça social. Nele há uma inquietação permanente que expressa nas perguntas e respostas que pulam dos seus livros: Porque há opressão? Porque há oprimido? Como acabar com a opressão? Como promover a libertação?

Debates em Educação

Leitor atípico do mundo e da vida, com uma práxis existencial situada no contexto histórico de meados do século XX, Paulo Freire não se intimidou. Construiu sua própria cosmogonia/cosmologia. Nela, o ato de conhecer está de tal forma imbricado no ato de viver que se realiza no ato de ser que só se plenifica no ato de libertar-se na criação e reinvenção do ato de educar.

Ao realizar tal projeto de vida, não o fez à toa: fez por uma opção ética, por um compromisso político, por um inquietamento interior permanente com o estado de coisas opressivo, repressivo, alienante e necrófilo (Fromm) que insiste em permanecer após séculos de publicidade quanto ao lema da Revolução Francesa: *Liberté, égalité e fraternité*.

Paulo Freire, leitor revolucionário queria revolucionar o mundo revolucionando a educação. Sua proposta dialógica foi exercitada na carne e no espírito. Dialogou incansavelmente com Karl Marx, Engels, Álvaro Vieira Pinto, Jaspers, Hegel (trocando opiniões criticamente) e tantos outros acadêmicos e pensadores da existência humana a ponto de reinventar muitas vezes o que leu, recriando seu sistema filosófico.

Não há em Paulo Freire réplica ou *xerox* do que leu porque tudo nele é diálogo permanente com as idéias desses pensadores colocando-as a serviço da biofilia e não da necrofilia.

Existe em Paulo Freire uma recriação da ciência tirando-a insistentemente de seu invólucro tecnicista (que indica uma clara opção ética pela conservação da opressão) para a sua capacidade de emancipação humana como queriam os iluministas do século XIV.

É então Paulo Freire um “iluminista” da modernidade? No sentido positivo da palavra, sim. Pois sempre acreditou numa ética humanizada, baseada não em um progresso vazio e mercadológico, mas na capacidade de melhoria moral, afetiva e intelectual do ser humano. O “ser mais” é uma constante nesse leitor/transformador. Carlos Drummond de Andrade confessava já melancolicamente no fim da vida que *Não, meu coração não é maior que o mundo* arrisca-se a inverter este verso aplicando-o a Paulo Freire: parece até que o seu coração é maior que o mundo.

Debates em Educação

Num coração maior que o mundo a sede de compreensão desse mundo para a mudança dele é incomensurável. Cabe tudo, todas as linguagens e uma incrível capacidade de dialogar. O livro da ciência lido por Paulo Freire transformou-se num multilivro e a partir da dialogicidade foi ele mesmo construindo seu próprio livro em que desenvolve temas centrais como ética, autonomia, libertação, utopia, diálogo, luta, amor, fé, construção do conhecimento, emancipação, revolução, conscientização, práxis, temas surgidos por conta de um minucioso exame da realidade articulado com a práxis política porque o mundo precisa urgentemente ser mudado com fé, consciência e arte.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 1995.

BANDEIRA Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: perspectiva, 1973.

BENJAMIN Walter. Obras escolhidas. Vol. 1. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Helena H.N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas (SP): Ed. UNICAMP, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1994.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault e a análise do discurso em educação*. Cad. Pesqui., Nov. 2001, no.114, p.197-223.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. S. Paulo: Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 41. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

Debates em Educação

- _____. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 33. ed. 2002.
- _____. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'água, 2001.
- _____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. *Pedagogia da Esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- _____. *Conscientização*. São Paulo: Centauro, 2006.
- _____. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001.
- _____. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 26 ed. 2002.
- _____. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *Educação e atualidade brasileira*. Cortez Editora: Instituto Paulo Freire, 2001.
- FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. trad. Aulyde Soares Rodrigues, Rocco, Rio de Janeiro, 1992.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, Dicionário de ciências sociais. Instituto de Documentação. Benedito Silva (coordenação geral); Antônio Garcia de Miranda Netto.../et al./2ª. ed. – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987.
- HÜHNE, Leda Miranda (Org.). *O ato de estudar*. Metodologia científica: cadernos de textos e técnicas. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1992.
- JAMESON, Fredric. "Pós-modernidade e sociedade de consumo". In: *Revista Novos Estudos*. CEBRAP. São Paulo, nº12, 1985.
- LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- MANGUEL, Alberto. *Uma História da leitura*. São Paulo, Cia. das Letras, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 3.ed. São Paulo: Pontes, 2001.
- _____. (org.). *A leitura e os leitores*. São Paulo: Pontes, 1998.
- PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas (SP): Ed. 1997.

Debates em Educação

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura & realidade brasileira*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

SILVA, Deonísio da. *De onde vêm as palavras*. São Paulo: A Girafa Editora, 2004. – (Coleção o mundo são as palavras).